

Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?

¿Podemos hacer teorización de la frontera-sul?

Edgar César Nolasco¹

Resumo

O ensaio propõe discutir acerca de uma teorização que se formula a partir do que o autor entende por fronteira-sul. Para desenvolver sua reflexão, o autor convoca a lógica e a retórica do ensaio moderno, visando pontuar que este, por sua vez, por mais que tenha se esmerado para atender ao sujeito fronteiriço, bem como a sua condição de exterioridade, não fez outra coisa senão reforçar sua inferioridade teórica e filosófica. A teorização, por sua vez, ao lembrar que tal sujeito pensa, logo faz teorização, e esta, a seu modo, pode dar a todos um entendimento maior e melhor do “outro” da exclusão.

Palavras-Chave: Teorização; Crítica biográfica fronteiriça; Ensaio descolonial.

Resumen

El ensayo propone discutir sobre una teorización que se formula a partir de lo que el autor entiende por la frontera sur. Para desarrollar su reflexión, el autor invoca la lógica y la retórica del ensayo moderno, apuntando a señalar que éste, a su vez, por mucho que le costara atender al sujeto fronterizo, así como su condición de externalidad, no hizo nada más. pero refuerza su inferioridad teórica y filosófica. La teorización, a su vez, al recordar que tal sujeto piensa, luego realiza la teorización, y ésta, a su manera, puede dar a todos una mayor y mejor comprensión del “otro” de la exclusión.

Palabras claves: Teorización; Crítica biográfica de Frontier; Prueba decolonial.

1. Introdução

Por isso não queremos nunca mais viver em localidades reservadas a uma estrita minoria, não queremos nunca mais ser os empregados de uma filial do pensamento, não queremos nunca mais que nossas corporalidades estejam a serviço da disciplina ou da interdisciplina que de alguma maneira nos classifica e, em geral, nos patologiza ou nos inferioriza. Necessitamos, como se sabe desde o primeiro momento em que se teve contato com a colonialidade, de uma política descolonial, uma ética descolonial, uma educação descolonial não dividida em compartimentos estanques como a modernidade/colonialidade organizou o mundo, mas sim em um mesmo movimento coletivo.

GIULIANO, 2018, p. 56.

Começo esta minha *conversa* acerca do que quero entender e pensar sobre a pergunta inicial retomando minha leitura da coletânea sugestivamente intitulada de *¿Podemos pensar los no-europeos?* (2018), de onde, inclusive, retirei a epígrafe acima, para me fazer também a pergunta: *Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?* Antes sequer de tratar do título desta

¹ Coordenador do NECC: Núcleo de Estudos Culturais Comparados e professor da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

minha *teorização* re-teorizada, adianto-me e respondo, à la Walter Mignolo, sim, podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul; mas a questão não é tão simples e nem é tão apressada como o foi minha resposta categórica.

O começo da problematização que atende ao desenvolvimento da resposta passa por uma teorização — e aqui quero fazer justiça cabal ao que se lê em epígrafe — que contempla, primeiro, *um aprender a desaprender para re-aprender* de outra maneira, conforme Mignolo nos afirma que a filosofia ameríndia nos ensinou; e, num segundo momento, *aprender a teorizar para desteorizar para, assim, re-teorizar* (Nolasco) — proposta esta que, de alguma forma bastante específica, atravessou toda a discussão defendida por todo o decorrer do texto acadêmico.

Se esta é a fórmula e o aprendizado mais complexo para o intelectual fronteiriço (ou teorizador, ou fazedor a la Borges) da fronteira-sul, o é também o mais necessário, impondo-se mesmo como a única condição para se pensar e escrever uma reflexão desteórica da fronteira. A corporalidade defendida na epígrafe acima, corrobora, a seu modo, para essa intercorporalidade que defendo e da qual vali-me por toda minha escrita da Tese, visando rasurar, assim, não a presença autoral de quem quer que seja, mas a predominância discursiva disciplinar e interdisciplinar que tenta se impor a todo custo hierarquicamente na ordem do pensamento. Transcrevo a parte inicial do texto-epígrafe: “não queremos nunca mais ser os empregados de uma filial do pensamento, não queremos nunca mais que nossas corporalidades estejam a serviço da disciplina ou da interdisciplina que de alguma maneira nos classifica e, em geral, nos patologiza ou nos inferioriza.”

No princípio dessa teorização aqui defendida — e só antecedida por seu lugar a fronteira-sul — devem acontecer os encontros, as conversas, lugar das sensibilidades biográficas e locais, dos afetos (e desafetos) — lição esta que deve ser defendida como uma luta pelo intelectual fronteiriço; atrelado a esse desejo de um pensamento único de todos do lugar, porque atravessados (Anzaldúa) pelos mesmos sentires, fazeres e estares, resultando tudo numa grande coletividade de bem comum e viver a todos, sobreleva-se a lição primeira que deve ser seguida à risca pelo intelectual fronteiriço em sua desteorização: *se faz teoria para viver e não se vive para fazer teoria: não vivo para escrever teorias*, meus caros que aqui me assistem; *faço teorização para viver* (assim como tenho feito versos) — escavo formas de um viver melhor para todos (até os que me lerem) por meio de minha teorização que se quer desprendida de qualquer razão teórica e qualquer tradição; escrevo e penso teorizando para com-viver comigo mesmo e com todos aqueles (a exemplo dos discípulos acadêmicos) que porventura e alto risco me lerem, me escutarem e que comigo conversarem. (Afianço que minha preocupação é teórica).

A pergunta que molda a desteorização “Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul? tem como resposta certa a tarefa de um fazer, um pensar e um estar sendo intelectual teórico na fronteira. Por meio de tal teorização desteórica cabe na luta do intelectual fronteiriço desprender-se das regras hierárquicas da teoria moderna: *aprender a fazer teoria para desteorizar para aprender a re-teorizar* como exercício desteórico da fronteira-sul.

O título-pergunta “Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul? guarda muitas explicações, teorizações e desprendimentos necessários: o fazer desteórico fronteiriço não se prende a um tema específico (como a uma análise específica de alguma coisa); antes, preocupa-se com o seu ato de fazer (colher) as teorias — o intelectual, nesse caso, é um fazedor de uma teorização (ressalvadas as diferenças, como quando em menino eu colhia guaviras no lócus fronteiriço chamado de Revolta) e não um pensador. Esboça-se aqui a ideia

de um *pensar de viver*, que se contrapõe a uma *práxis de pensar*, e cuja forma outra de viver pode ser entendida como “uma forma privada de filosofar”. (Kusch apud Mignolo, 2018, p. 205) (E não seria demais lembrar que não se pensa, não se teoriza e não se filosofa apenas por meio da escritura. Há um mundo das exterioridades no qual vozes, gentes, línguas, corpos que se intercorporam e se interculturam, criando sentires, saberes e *estarem-sendo* que amalgamam um pensamento outro e, por conseguinte, uma epistemologia fronteiriça que se sustenta a partir de um paradigma-outro. Assim como há outras formas de viver, há outras formas de pensar e, por extensão, de teorizar e de filosofar. (O bom-pensar, o bom-teorizar, não passa, necessariamente, pela ordem da escritura; talvez passe mais por um *com-viver*, um *pensar de viver*, “algo que el cuerpo piensa en si mismo en el vivir.”, p.205))

O ato de preparar-se já traz uma relação intercorpórea entre o intelectual fronteiriço e seu corpo e a Natureza, assim como com as palavras e os silêncios e as teorias todas. (Chega-se à província da escritura teórica só muito depois). Mais importante do que chegar ao texto teórico (e ao Verbo definitivos), bem como preocupar-se em *estar, ter, ser e pensar* (a teoria e a si), é *estar-sendo* no ato mesmo de *fazer* (o fazedor é aquele que desobedece, porque se desprende das amarras de uma única epistemologia, e propõe saídas, ou opções descolonizantes) sua teorização. Não por acaso que “*estar-sendo*”, de acordo com a leitura que Mignolo faz de Kusch, é uma categoria que rechaça a expectativa de se unir à narrativa da modernidade: “Estar sendo é uma negativa que, ao mesmo tempo, afirma aquilo que a modernidade quer eliminar ou incorporar em uma das etapas do desenvolvimento para superá-la. Estar sendo é uma negação que afirma a indigeneidade e impede que ela seja absorvida por e para a nacionalidade dos Estados modernos. (MIGNOLO, 2018, P. 138)

Fazer teorização da fronteira-sul é um desprender-se continuamente da própria teoria escritural, da Teoria ocidental e da Tradição, pois somente por meio dessa *conversa* entre os amigos, os bugres e os pássaros e a Natureza o intelectual retraça sua travessia-teorização ao encontro de um *com-viver* entre todos do lugar, seja de dentro da Academia, seja de fora (mas neste caso principalmente de fora, da rua, das calçadas, dos guetos, das favelas, das zonas fronteiriças, dos campos, esboçando-se aí o contorno da paisagem biográfica do intelectual); há uma barreira teórica e disciplinar que quase sempre soa como intransponível para as teorizações que se *alevantam* das bordas da exterioridade. Por meio desse *fazer* teorização a partir de uma Universidade periférica do país, minha teorização se impõe a contrapelo e *esta-sendo* enquanto eu também estou-sendo e meu corpo-teorização se move na encosta da fronteira-sul (meu lócus geográfico e biográfico) dando-me a consciência de que minha travessia é a extensão de meu *fazer teórico* (foi exatamente essa consciência que me levou a reivindicar por um “lugar teórico “ ao final de meu texto-tese) enquanto uma forma de viver e não mais um desejo de *ter*.

Confesso aqui para todos que minha empreitada desteórica é basicamente política e ética: porque, por meio dela, eu assumo a luta do desprendimento, da desaprendizagem e da desobediência epistêmica. Tenho a consciência que sem assumir esse risco pela teorização eu não encontraria outro modo (um modo outro) de sentir e fazer, de pensar e de escrever, outro modo de viver e *com-viver* com os outros (e não com o outro, pois este simplesmente não existe, nem nunca existiu; aliás, não passou de uma mera invenção do mesmo de dentro) e comigo mesmo enquanto aquele que vive, pensa e trabalha de um lugar bastante específico tanto dentro do país quanto fora dele.

Ainda na esteira da discussão que Mignolo faz em *¿Podemos pensar los no-europeos?*, em que discute a relação entre, por exemplo, vida e filosofia (e aqui pensaria em

teorização), no sentido de que há uma filosofia, ou modo de pensar, que advém da vida “comunal” cotidiana das pessoas, podemos pensar, numa chave de um “vocabulário descolonial”, em uma práxis de pensar/viver descolonial que, por sua vez, não seria menos filosófica. Tudo o que Mignolo discute passa pelo pensamento de Rodolfo Kusch, mais precisamente quando este estuda *o pensamento indígena e popular na América* (1970). Não é demais lembrar que por trás da discussão teórico-filosófica de Mignolo está a pergunta “podemos pensar os não-europeus? Trata-se, na verdade, de um pensar por pensar, um pensar sem mais, como afirma Mignolo, um pensar em viver que nos acontece desde o momento em que começa o dia, e que nos acompanha por todas nossas atividades diárias, indo até à noite na hora do sonho, por exemplo. Segundo ele, trata-se de “um pensar que é coextensivo ao viver”: “Viver em condições adversas é um ‘estilo de vida’ que envolve pensar, assim como quem tem um estilo de vida favorável. Viver exige pensar tanto na automaticidade do corpo quanto nas relações cotidianas na vizinhança, família, café, supermercado. Você pensa, sempre pensa, viver é pensar e pensar é viver. Um exige o outro.” (MIGNOLO, 2018, P. 205) Agora mesmo, em plena condição pandêmica que nos açoita e assola nossa vida, tirando-nos de nossa diretiva diária e de nossos bons costumes, somos, mais do que convocados, condenados a pensar diuturnamente na doença, no cuidado, na perda, na efemeridade da vida e na própria morte. Nosso corpo não está alheio a essa condição: ele também se lança e pensa a dor na mesma condição em que pensa a vida, ou em que vivemos por meio dele. Essa discussão rechaça uma “práxis de viver” e endossa um “pensar em viver” enquanto *uma forma privada de filosofar*.

Na esteira da discussão proposta por Mignolo, essa forma privada outra de filosofar contrapõe-se à filosofia que, enquanto uma práxis disciplinária de pensar, esteve e está arraigada na práxis de viver que a gerou, a transformou e a sustenta. Esta é a forma oficial de tratar a filosofia, conclui Mignolo. (Ver MIGNOLO, 2018, p. 206). O que se sobressai dessa questão, e Mignolo vê a pertinência e coerência na pergunta de Hamid Dabashi, não é se os não-europeus não podiam fazer filosofia, mas, sim, se podiam pensar? E se os não-europeus, como vimos, podem pensar, logo podem e fazem teorização. No decorrer de meu trabalho, quando discuti acerca de uma teorização bárbara ou fronteiriça, mencionei esta passagem de Mignolo que conclui bem a discussão: “pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem *um pequeno número de línguas específicas*.” (MIGNOLO, 2003, p. 159, grifos meus) Em sua discussão, Mignolo aponta os conceitos de “diferença colonial” e de “desobediência epistêmica” como saídas para barrar os universais abstratos que endossaram a práxis da filosofia ocidental moderna. Reconhece, todavia, e também foi isso que mais me incomodou durante o trabalho e que continua a me incomodar, ser muito difícil para aquele intelectual — que habita o território em que a diferença colonial e suas manifestações são criadas e postuladas — sentir a ferida que as diferenças coloniais causam. O que não quer dizer impossível; basta estar disposto ao desprendimento teórico-filosófico.

A práxis do pensar descolonial, segundo Mignolo, se manifesta na práxis do escrever o que quero, do escrever em si, porque não é mais a disciplina o que importa, principalmente em sendo “teórico”, porque o que realmente importa é o que está em jogo: “primeiro a libertação que transforma o sujeito colonial em sujeito descolonial, ou melhor, um sujeito des-sujeitado [de-sujeitado] pela libertação.” (MIGNOLO, 2018, p. 211). Entendo que essa *práxis do escrever o que se quer* convoca a presença do bios de todos os envolvidos na ação, ou opção de ordem descolonial. Nesse sentido, e para finalizar, pelo menos por enquanto, transcrevo uma passagem de minha Tese Acadêmica defendida recentemente visando a

promoção à categoria de professor titular da UFMS, intitulada de *A fronteira não é longe daqui*² (2020):

Resta-me dizer que minha opção pelo bios é teórica: uma teorização que encampa as sensibilidades biográficas e locais, o ser, o sentir e o fazer, o geostórico, a ignorância, a ecologia dos saberes, a fronteira-sul, o desprendimento crítico, todos enfim como estratégias para se pensar e ancorar a epistemologia fronteiriça que se erige daqui (de onde as pesquisas e o “fazer científico” estão sendo propostos), desse lócus específico de uma exterioridade fronteiriça que compreende minha vivência, minha experiência e implica meu pensar, meu fazer e meu sentir — Se es y se siente — soy donde pienso — donde se piensa (MIGNOLO). (NOLASCO, neste trabalho).

Referências

- ANZALDÚA, G. *Bordelands/La Frontera: the new mestiza*. California: Aunt Lute, 1987.
- BORGES, J. L. *O Fazedor*. Trad. de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- KUSCH, R. Pensamiento indígena y popular en América. *Obras completas*, v. II. Rosario: Fundación Ross, 2009. p. 263-264.
- DABASHI, H. ¿pueden pensar los no-europeos? In: GIULIANO, F. (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. p. 69-120. (Capítulo de Livro).
- GIULIANO, F. La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión ética-geopolítica. In: _____. (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. p. 11-68. (Capítulo de Livro)
- MIGNOLO, W. PREFACIO. In: GIULIANO, Facundo (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. p. 07- 09.
- MIGNOLO, W. Sí, podemos. In: GIULIANO, F. (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. p. 121- 159. (Capítulo de Livro).
- MIGNOLO, W. Filosofia y diferencia epistémica colonial: ¿qué es lo convoca la praxis del pensar desobediente en la exterioridad de los universales eurocêtricos? In: GIULIANO, F. (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. p. 203-229. (Capítulo de Livro).

² NOLASCO. TESE ACADÊMICA, intitulada a *Fronteira não é longe daqui*: ensaio de crítica biográfica fronteiriça, apresentada e defendida à Faculdade de Letras, Artes e Comunicação (FAALC), da UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS), no dia 24 de setembro de 2020, visando a promoção à categoria de professor titular da instituição, p. 179 (INÉDITA).

